

NOÇÕES BÁSICAS DE CONCEITOS EM BAKHTIN

Milton Pereira Lima.
(miltoncau@yahoo.com.br / miltonlima@unifesspa.com)
UNIFESSPA.

RESUMO

Esse estudo tem como tema noções básicas de conceitos problematizados pelo filósofo e linguístico russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, tem-se especificamente como objetivo estudar e analisar duas de suas obras: *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), e *Estética e Criação Verbal* (1997), a partir delas, pretende-se compreender os conceitos tidos como chave na epistemologia bakhtiniana. São elaborações teóricas que atravessam o campo da linguística e da filosofia sendo, portanto, possíveis de serem tidas como referência em várias áreas do conhecimento científico. Os procedimentos metodológicos aqui operados se deram a partir de uma rigorosa revisão bibliográfica, assim, foram realizadas leituras dos conceitos do autor segundo outros estudiosos da linguística. Dessa forma, conclui-se que a sua filosofia da linguagem pode nortear estudos diversos, transpondo as fronteiras das disciplinas científicas podendo ser um referencial tanto teórico como metodológico para as ciências sociais.

Palavras chave: Bakhtin; Ideologia; Linguagem; Ciências sociais

1. INTRODUÇÃO

“A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKTIN, 1997)

O texto seguinte apresenta noções acerca da construção teórica-epistemológica de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, evidencia problematizações realizadas por esse pensador, embasando-se nas obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), e *Estética e Criação Verbal* (1997), tem-se dessa forma a tentativa de compreender conceitos básicos contidos nos dois livros.

A primeira obra oferece o maior cabedal conceitual, pois ele traz estudos que remetem a importância da problemática da filosofia da linguagem para o marxismo, identifica temas fundamentais da filosofia da linguagem que adquiriram uma acuidade e importância basilares para a compreensão do lugar da ideologia na formação do discurso. Reflete e questiona sobre

a linguística na era positivista, aponta e acusa que ela era marcada pela recusa de qualquer teorização dos problemas científicos; indica e reconhece o lugar dos conceitos da filosofia da linguagem dentro do conjunto da visão marxista do mundo. Há ainda uma profunda racionalização bakhtiniana acerca dos problemas da natureza real dos fenômenos linguísticos, bem como aborda estudos sobre sintaxe e a natureza social da enunciação.

Já o segundo livro é concebido como um aporte de consulta sobre os termos e categorias de análise estudados no primeiro, pois há ali especificações auxiliadoras para a compreensão do conteúdo de ambos. Dessa forma, a primeira parte desse objeto de estudo refere-se a uma brevíssima biografia do autor, isso para que aquele leitor que o desconheça possa minimamente inteirar-se a seu respeito e sobre sua obra. Posterior a isso, já no desenvolvimento apresenta-se conceitos filosóficos e linguísticos notadamente bakhtinianos, acompanhado de discussões problematizadas no campo da linguística e em ciências sociais.

E finalmente, a terceira fração desse estudo pretende demonstrar a contribuição da teoria bakhtiniana em áreas das ciências sócias, faz-se uma problematização/análise da abordagem teórica e metodológica bakhtiniana em pesquisas nas ciências sociais, são observações quanto as suas possíveis e repercussões, que no nosso entender podem ultrapassar os campos da linguística e da filosofia, sendo utilizada em várias áreas das ciências humanas. A intenção aqui é colaborar na reflexão sobre a abrangência e o uso do pensamento e da teoria do autor em questão, entende-se que suas formulações podem ultrapassar os campos de conhecimentos já mencionados, pode ser usual segundo o paradigma denominado de “disciplinaridade”, ou seja, ser referência teórica “interdisciplinar”.

Contudo, o objeto desse estudo possui recorte limitado metodologicamente falando, não se pretende estudar toda a produção científica de Bakhtin, e sim, apenas temas de interesse cabíveis nas análises que se pretende realizar com base em uma rigorosa revisão de literatura, para tanto, intercala-se, mas não seguindo uma sequência linear, nem retilínea de temas do primeiro livro citado, a saber: “Estudos da Ideologias e Filosofias da Linguagem”, “O signo ideológico e a consciência”, “A palavra como signo ideológico por excelência”, ainda, “Duas orientações do pensamento Filosófico Linguístico” concernente aos temas - “Linguagem e Palavra”, perpassando por “Língua, Fala e Enunciação” e finalmente, “A interação verbal”, “Consciência e Ideologia”, “Tema e significação da Língua” (BAKHTI, 2006. p. 31-69-90-110-128).

As temáticas filosóficas e linguísticas bakhtinianas são traçados numa teia textual convergente as asserções da segunda obra, com as proposições do capítulo sobre – “Os generos

do discurso” e seus tópicos: “I Problemas de definição”, e, II “O enunciado, unidade da comunicação verbal”. (BAKHTI, 1997. p. 277-289).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 BAKHTIN, O PENSADOR PROBLEMATIZADOR.

Michail Bakhtin¹ nasceu na Rússia (1895-1975) na cidade de Orel. Estudioso e filósofo pesquisador da linguagem humana, um teórico da literatura, sociólogo, etnólogo. Mas, antes de tudo um pensador e exímio problematizador de questões tão inovadoras que, quase um século depois ainda são pertinentes em estudos sobre as relações humanas. Não apenas numa área do conhecimento, como por exemplo na linguística, mas em uma gama de campos científicos das ciências humanas, tamanha é a interdisciplinaridade de sua obra, bem como sua originalidade de pensamento.

Mesmo com toda a sua modéstia, Bakhtin tem tido lugar de destaque entre os pensadores do século XX. O russo estudou com afinco e sagacidade a filosofia, a linguística, a sociolinguística, a crítica literária, a análise de gêneros discursivos e a religião.

Bakhtin sempre foi um construtor de questões/problemas, elaborando boas perguntas de investigação, pensou em temas fundamentais como o valor social da língua, sobre crítica literária, estética e ética filosófica. E escrevendo apoiado no solo da filosofia abarcou temas acerca da teoria linguista e leitura.

No final dos anos de 1980 e início de 1990, no Brasil surgem pesquisas sobre a obra de Bakhtin que inovam a abordagem e retomam sua teoria dando visibilidade ao seu pensamento, (seus escritos) e ao que se convencionou chamar de Círculo de Bakhtin². A obra desse autor auxilia tanto como ferramenta teórica como metodológica, ajuda a questionar e problematizar temas de pesquisas. Esse é um dos valores essenciais bakhtinianos, entretanto, jamais dando respostas apresadas e definitivas, e, sim orientando na elaboração de perguntas/problemas de pesquisa que aprofundasse a compreensão dos fenômenos sociais, fundamentalmente os da linguagem humana.

¹ M. Bakhtin escreveu as seguintes obras: cultura popular na Idade média e no Renascimento - o contexto de François Rabelais, Estética da criação verbal, Questões de literatura e de estética, Problema da poética de Dostoiévski, Marxismo e filosofia da Linguagem.

² Um grupo de amigos que se reuniam com Bakhtin por pelo menos 10 anos para discutir temas da sociedade russa, e sobre arte, ciência, filosofia e literatura, entre eles destacam-se – Voloshinov e Medvedev.

2.2 CONCEITOS, TEMAS E PROBLEMÁTICAS BAKHTINIANAS

A partir da problematização do que é linguagem e do que é palavra, Bakhtin, inicia sua teorização comparando os processos constitutivos da linguagem (segundo as orientações do pensamento filosófico-linguístico) atravessados pelas três “esferas da realidade” – física, fisiológica, psicológica, -(2006. p. 69), apresenta posteriormente duas orientações diametralmente opostas de concepções da linguística, ou seja, “o **subjativismo idealista** e o **objetivismo abstrato**”, (2006. p. 70).

A primeira entende a língua como construção evolutiva e permanente, uma relação de acertos e erros historicamente concebida, sendo assim resultante do psiquismo individual, já na segunda a língua é um sistema duro, submetido à normas e leis linguísticas próprias estabelecendo elos entre os signos linguísticos dentro de um sistema previamente idealizado, sendo isentas de valores ideológicos e, a fala é puramente uma alteração, mutações ou refração das normas da língua.

Assim, por comparação, análise negação, isto é, dialeticamente Bakhtin “aponta” as raízes da ideia de uma língua que ele mesmo denomina de “convencional e arbitrária”, (2006. p.84), de cunho claramente, positivista passando para o status estruturalista, após as formulações linguísticas de Ferdinand Saussure representante primeiro segundo Bakhtin do Objetivismo abstrato.

A crítica de Bakhtin para com o criador do “Curso de Linguista Geral” se dá devido o suíço ter separado aquilo que é social, ou seja, a língua daquilo que é individual, a fala, segundo o filósofo, afastando o essencial do que é secundário. Conceito este veementemente contestado pelo russo, o qual nega a possibilidade do sistema linguístico ser formado externamente à consciência do indivíduo.

A linguagem é um sistema de signos social e histórico que permite aos falantes, isso é, aos sujeitos, tanto dá sentido ao mundo como a sua realidade. Permitindo assim que seja feita a interpretação dos “nichos culturais” em que se vive, a apreensão e compreensão sobre os modos de vida sobre sua própria cultura dada uma realidade específica, claro tendo como pano de fundo valores e um estrutura social e econômica.

Com isso, sendo a linguagem “dialógica” Bakhtin, (2006), é uma produção de ordem social, portanto, ideológica. Dessa forma, a linguagem possui um viés dialético (BAKHTIN, 2006), considerando sua manifestação em enunciação (os atos individuais, a fala), daquilo que é dito por dois ou mais sujeitos em situação de diálogo.

Assim como as sociedades, a língua tem sua história, suas marcações temporais (BAKHTIN, 2006), portanto, é no momento concreto que ocorre a necessidade da utilização da fala, o passo seguinte é o da significação momento que os signos ganham sentido, passando de um mero sinal³, e ganhando sentido de mensagem, mas já servindo a uma dada ideologia de grupo. É, quando dentro de um dado contexto de convivência a compreensão torna-se possível, ela vai além da simples codificação.

O pensamento e suas conexões com o subjetivismo e psicologismo, têm funções importantes para a linguística e o entendimento sobre a língua, mas não há por parte dos falantes o conhecimento de seus meandros. Para o autor os enunciados e a palavra manifestam-se em estreita relação com o locutor, pois “não são palavras o que pronunciamos, mas, verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais (...). A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico” (BAKHTIN, 2006. p.96), assim as palavras são “ouvidas” ou não dependendo do interesse que elas despertam, no processo da comunicação.

Em Bakhtin, a palavra é sempre uma outra palavra. É, sempre o encontro entre palavras. O signo “vive” no encontro com o outro. Dessa forma, o pensamento do indivíduo é relacional, é composto por um “outro” pensamento.

A palavra serve como um “indicador” das mudanças ou permanências nas sociedades. “A palavra sempre indicará transformações sociais, mesmo aquela ainda não estruturada ideologicamente e que mais tarde recebe acento ideológico acabado”, (RIBEIRO, 2014. p. 270), pois as ideias são articuladas (em palavras) em função da necessidade de “comunicar novas ideias”, de socializar intenções diversas, dessa forma a comunicação a partir do sistema da linguagem, tem função interrupta de estabelecer relações entre sujeitos, entre “ativos” e “passivos⁴” no ato da comunicação, sendo que ambos produzem discursos, já que não há locutor sem um receptor,

Os estudiosos compram-se em representar os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema dos processos *ativos* da fala no locutor e dos processos passivos de percepção e de compreensão da fala no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas são errados e não correspondem a certos *aspectos* reais, mas quando esses esquemas pretendem representar o todo real da comunicação verbal se transformam em ficção científica. (BAKHTIN, 1997. p.291)

³ Para Bakhtin a diferença entre sinal e signo é que o primeiro tem conteúdo imutável, ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada, é apenas um instrumento técnico que designa um objeto específico. Já o signo é mais amplo e absorve a sinal, sendo possível sua compreensão. (2006.p.96)

⁴ As aspas utilizadas na denotação de “ativos” e “passivos”, indicam que não há uma hegemonia no ato da comunicação verbal. “Na linguística, até agora, persistem funções tais como o ”ouvinte” “receptor” (os parceiros do “locutor”). Tais funções dão uma imagem totalmente distorcida do processo complexo da comunicação verbal”. (1997. p. 289-290)

Em função do exposto entende-se a inseparabilidade da língua do mundo prático. Pois os enunciados encontram ressonância em outros enunciados, e ambos são relativos a uma existência prática e dinâmica do mundo concreto. A língua se forma a partir da consciência ideológica que orienta as ações humanas em seus contextos comunicacionais do mundo do trabalho, da religião, das manifestações políticas, enfim, socioculturais. Assim como a arte a linguagem é a representação do real e sua compreensão se torna possível a partir da clareza que se tem sobre o mundo.

No processo da interlocução, pelo menos entre dois interlocutores, ocorre a “compreensão responsiva ativa”, (BAKHTIN, 1997), momento em que o locutor espera uma resposta que nem sempre uma concordância pode ser uma negativa, mas, não há compreensão apenas passiva, pois, o ouvinte transmuta-se em locutor a partir da interação com o “outro” falante.

Por conseguinte, em Bakhtin o sentido é sempre construído dialogicamente. Na sua concepção linguística o diálogo é um conceito-chave, assim a fala possui viés social (ideológico) inerente a comunicação.

É em função de enunciados objetivos (reais) que o homem se utiliza da linguagem para suprir necessidades cotidianas da vida ao passo que a própria língua se constitui como sistema de comunicação. Sendo a linguagem (verbal e não-verbal) uma atividade construtiva humana.

Entende-se que Bakhtin é um “filosofo da interação” sua teoria engendra sempre a comunicação entre um “eu” e “outro” e, os enunciados são a liga dessa interação. O enunciado é a representação de uma dada realidade, que ao mesmo tempo que retrata a realidade nela se refrata, portanto, a ressignifica.

A vinculação de enunciados ocorre sempre dentro de determinadas esferas comunicacionais⁵ e cada campo vai forjando inúmeros enunciados cada um com suas especificadas, cada um constituindo um gênero, assim se formam as esferas como por exemplo a esfera midiática, ou religiosa, cada uma com suas especificidades, cada uma delas tentando forjar uma linguagem única, mas que sofre contrarreação de outras forças, havendo continuamente uma correlação de imposição e reação dos campos de enunciados. Esferas diferentes irão produzir enunciados diferentes. Assim, cada campo vai criando seus “gêneros discursivos”,

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos

⁵ Para o russo os “Esferas Comunicacionais” ou “Campos de Produção de Discurso”, onde se vinculam a fala e a língua, se relacionam com as três dimensões da realidade - física, fisiológica e psicológica (2006, p.69)

(conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997.p.278)

Os gêneros de discurso podem ser verbais ou em formato de textos, eles são elaborados dentro de distintos áreas de atividades, exemplo disso são os textos jornalísticos ou do mundo jurídico onde cada um tem suas características e estruturas distintas, são formas relativamente estabilizadas, elas não são permanentes e podem sofrer alterações de acordo com as relações sócias, e, é a partir da linguagem que as atividades humanas se organizam.

O que emerge desse processo discursivo dentro das (esferas de comunicação) é o que Bakhtin denomina de enunciados que é formado por duas partes – o discurso interior e discurso exterior -, em função disso ocorre a formação da consciência que só se exteriorizam quando se expressasse na dinâmica da comunicação do ato de fala, isso é, a enunciação.

Percebe-se, portanto, que um discurso é sempre produzido para fins a priori, jamais sendo aleatório, ele tem função e objetivo, dessa forma o discurso é situacionalmente pensado, ideologicamente construído em função de acontecimentos concretos numa dada convivência histórica.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na leitura e análise das obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), e *Estética e Criação Verbal* (1997), ambas do filósofo e linguístico M. Bakhtin, e em seguida fazer “apontamentos” de uma gama de conceitos/temas categorias de análise desse autor russo, percebe-se quão ampla é sua cobertura teórica. Trata-se de um “guarda-chuva” epistemológico utilizado em parte das ciências humanas tanto como suporte teórico como metodológico.

Bakhtin teve e tem influenciado abordagens científicas mesmo décadas após sua morte. No Brasil e em outras partes do mundo suas concepções filosóficas tem sido uma “ferramenta linguística/filosófica” utilizadas para a compreensão da realidade social. De forma que, as representações do autor sobre “signo ideológico, formação da consciência”, “Palavra como signo ideológico”, “Linguagem”, “Língua”, “Fala”, “Enunciação”, “Interação Verbal”, “Consciência e Ideologia”, e “Gêneros do discurso” continuam pertinentes para a reflexão e interpretação do mundo atual.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Ed. HUCITEC, São Paulo, 2006.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-326.

BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chaves. Beth Brait, (org), 5ª ed. São Paulo. Contexto. 2012. p. 151-158.

MARX, Karl. Friedrich Engels. **A ideologia Alemã**: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2007.

RIBEIRO, Nilsa Brito. **A disputa ideológica de sentidos**. Ver. Letras, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 261-280, jan./jun. 2014

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **A produção da social da linguagem**: Uma leitura do texto de Mikhail Bakhtin (V.N. Volochinov), Marxismo e filosofia da linguagem. Trans/Form/Ação, São Paulo, 4: 15-39, 19X I. 1981.

WOOD, Ellen M. A separação entre o “econômico” e o “político” no capitalismo. In **Democracia contra o capitalismo** São Paulo. Boitempo, 2011. (pg. 27-49)